ESCREVIVÊNCIA E MEMÓRIA: O CORPO DE PONCIÁ VICÊNCIO COMO ARQUIVO DA MEMÓRIA NEGRA E FEMININA

WRITING-LIVING AND MEMORY: THE BODY OF PONCIÁ VICÊNCIO AS AN ARCHIVE OF BLACK AND FEMALE MEMORY

Recebido: 10/05/2026. Aprovado: 09/06/2026. Publicado: 08/08/2026
DOI: 10.18817/rlj.v10i2.4268

Ana Cleia Silva Pereira[1]
Orcid ID: https://orcid.org/0009-0009-6418-0032

Keury Carolaine Pereira da Silva[2]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0002-6774-7155

Ligia Vanessa Penha Oliveira[3]
Orcid ID: https://orcid.org/0000-0001-6771-9384

Resumo: A literatura produzida por mulheres negras constitui um campo fundamental para a compreensão e a crítica das estruturas sociais e raciais brasileiras, tendo na escrevivência um importante aporte teórico-metodológico. Conceito elaborado por Conceição Evaristo, a escrevivência transforma experiências de dor, resistência e ancestralidade em uma dimensão estética, política e memorialística. Nesse contexto, este artigo propõe investigar o romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, com o objetivo de analisar como a escrevivência se manifesta na construção da personagem e de que maneira seu corpo se configura como um arquivo vivo das memórias negras e femininas. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise literária da obra e nos referenciais do feminismo negro, a partir de Sueli Carneiro (2004) e bell hooks (1995), bem como nos estudos pós-coloniais de Gayatri Spivak (2010). Os resultados evidenciam que a trajetória de Ponciá, marcada pela migração, pelo racismo e pela fragmentação identitária, constitui um processo de resistência e ressignificação da memória coletiva. Desse modo, Evaristo transforma o corpo da mulher negra em um espaço de inscrição histórica, rompendo o silenciamento imposto às

[1] Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão (PPGL/UEMA), instituição onde também obteve o título de Mestre em Teoria Literária (2023) e a graduação em Letras (2020). Atua como professora substituta na UEMA (Campus Coelho Neto) e integra o Núcleo de Pesquisa em Literatura Maranhense (NuPLiM/CNPq-CESC/UEMA). É graduada em Serviço Social (Anhanguera- 2012) e especialista em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa (2024); Letras: Português e Literatura (2025); Educação Especial e Inclusiva (2025); e Linguística, Língua Latina e Filologia Românica (2026). Desenvolve pesquisas com ênfase em Teoria Literária, Literatura e Memória, Literatura Comparada e Literatura Maranhense, possuindo ainda sólida atuação docente nas áreas de Linguística e Ensino de Língua Portuguesa. E-mail: cleiasp.ana1@gmail.com

[2] Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão, com mestrado em Teoria Literária e experiência na área da educação. E-mail: carolainekeury@gmail.com

[3] Doutora em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás/UFG. Mestra em Letras/Literatura, Memória e Cultura pela Universidade Estadual do Piauí/UESPI. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Língua Inglesa pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano/IESF, Graduada em Letras com Habilitação Português/Inglês e Respectivas Literaturas, pela Universidade Estadual do Maranhão/UEMA. Professora convidada da Pós-Graduação Lato sensu em Ensino de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Maranhão - Campus Caxias. Atua como professora substituta na UEMA Campus Caxias, no departamento de Letras. Atua como Professora Convidada do Programa de Formação de Professores Ensinar/UEMA e do Programa de Formação Profissional Tecnológica (ProfiTec). Membro do Comitê de Extensão da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis - COEX/PROEXAE (2025-2026). Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura, Arte e Mídias - LAMID/CNPq-UEMA. E-mail: lvpoliveira@gmail.com

subjetividades subalternizadas e reafirmando a escrevivência como prática de denúncia do racismo estrutural, preservação da memória e afirmação da identidade negra feminina.

Palavras-chave: Escrevivência; Feminismo Negro; *Ponciá Vicêncio*; Corpo-Arquivo.

Abstract: Literature produced by Black women constitutes a fundamental field for understanding and critiquing Brazilian social and racial structures, with “escrevivência” serving as an important theoretical and methodological contribution. A concept developed by Conceição Evaristo, writing-living transforms experiences of pain, resistance, and ancestry into an aesthetic, political, and memorialistic dimension. In this context, this article sets out to examine Conceição Evaristo’s novel *Ponciá Vicêncio* (2003), with the aim of analyzing how writing-living manifests itself in the construction of the character and how her body functions as a living archive of Black and feminine memories. This study adopts a qualitative approach, grounded in a literary analysis of the work and in the frameworks of Black feminism, drawing on Sueli Carneiro (2004) and bell hooks (1995), as well as the postcolonial studies of Gayatri Spivak (2010). The results show that Ponciá’s journey, marked by migration, racism, and identity fragmentation constitutes a process of resistance and the reframing of collective memory. In this way, Evaristo transforms the black woman’s body into a space of historical inscription, breaking the silence imposed on subalternized subjectivities and reaffirming writing-living as a practice of denouncing structural racism, preserving memory, and affirming black female identity.

Keywords: Writing-living; Black Feminism; Ponciá Vicêncio; Body-Archive.

Considerações iniciais

A literatura produzida por mulheres negras tem se consolidado como um campo fundamental para a compreensão das dinâmicas sociais, raciais e de gênero que estruturam a sociedade brasileira. Nesse contexto, o conceito de **escrevivência**, elaborado por Conceição Evaristo, configura-se como uma importante ferramenta teórico-metodológica para a leitura das narrativas de autoria negra feminina. Mais do que um simples registro autobiográfico, a escrevivência propõe uma escrita comprometida com a transformação das experiências de dor, resistência, ancestralidade e sobrevivência da mulher negra em uma dimensão estética, política e memorialística, resgatando histórias historicamente marginalizadas e silenciadas.

Para Evaristo (2007), a escrevivência não deve ser lida como uma história para "ninar os da casa grande", mas para "incomodá-los em seus sonos injustos". Nessa perspectiva, a escrita constitui um ato de denúncia e resistência que confronta as estruturas do racismo e das desigualdades sociais, exigindo o reconhecimento das memórias, das vivências e das subjetividades negras.

A partir dessa perspectiva, este artigo analisa o romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, cuja narrativa acompanha a trajetória de uma mulher negra que migra do interior para a cidade em busca de melhores condições de vida. Marcada pelo racismo, pela exclusão social e pela fragmentação de sua identidade, Ponciá carrega consigo as memórias de seus ancestrais, vivenciando um percurso de perdas,

deslocamentos e resistência que culmina no retorno às suas origens como forma de reconstrução de si e de sua história.

Diante disso, a pesquisa é orientada pela seguinte **questão:** de que modo a escrevivência de Conceição Evaristo se manifesta na construção da personagem Ponciá Vicêncio e como seu corpo se constitui como um arquivo das memórias históricas da experiência negra e feminina no Brasil?

A obra *Ponciá Vicêncio* possibilita uma leitura que ultrapassa a dimensão ficcional, evidenciando a escrita de Conceição Evaristo como um ato político de resgate da memória, de afirmação da identidade e de denúncia das violências históricas impostas à população negra. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo analisar como a escrevivência, enquanto proposta estética e política, manifesta-se na construção da personagem Ponciá Vicêncio, compreendendo seu corpo como um arquivo de memórias individuais e coletivas que preserva a ancestralidade, evidencia os impactos do racismo estrutural e reafirma a resistência da mulher negra na literatura brasileira contemporânea.

O paradigma da escrita negra

Segundo Duarte (2005), desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento étnico afrodescendente tem se intensificado, conquistando maior espaço na cena cultural brasileira à medida que as reivindicações do movimento negro ampliam sua visibilidade institucional. Paralelamente, também se expandiram as pesquisas acadêmicas dedicadas à literatura afro-brasileira, embora em ritmo inferior ao crescimento da produção literária, considerando que, durante grande parte do século XX, esses estudos permaneceram concentrados, sobretudo, em pesquisadores estrangeiros.

Esse fortalecimento da literatura afro-brasileira ocorreu, em grande medida, por meio de iniciativas independentes, como a série *Cadernos Negros***,** publicada desde 1978 pelo coletivo *Quilombhoje.* Além de divulgar escritores negros, o projeto consolidou um espaço de circulação para produções frequentemente excluídas pelo mercado editorial tradicional. Ao criarem seus próprios canais de publicação, esses intelectuais enfrentaram as barreiras impostas pelo racismo estrutural e construíram

um lugar de fala capaz de reescrever a história brasileira a partir de perspectivas negras, valorizando a oralidade, a ancestralidade e as culturas de resistência.

Apesar desse avanço, a literatura produzida por homens e, principalmente, por mulheres negras ainda enfrenta significativos obstáculos de circulação e reconhecimento. O racismo estrutural, aliado às desigualdades de gênero e classe, continua limitando a presença dessas autoras nos espaços de consagração literária e acadêmica. Sueli Carneiro (2004) demonstra que as mulheres negras ocupam um lugar marcado pela sobreposição de diferentes formas de opressão, resultado da articulação entre racismo, sexismo e desigualdades sociais.

Nesse sentido, bell hooks (1995, p. 468) afirma: “[...] Dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente [...]. Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas somente corpo sem mente."

A reflexão de hooks evidencia como a mulher negra foi historicamente reduzida à dimensão corporal e ao trabalho servil, sendo excluída dos espaços de produção intelectual. Tal construção permanece presente no imaginário social brasileiro. Conforme observa Lélia Gonzalez (1984), a representação da mulher negra foi historicamente associada às figuras da mulata, da empregada doméstica e da mãe preta, estereótipos que naturalizam sua subalternização e restringem sua participação como sujeito produtor de conhecimento. Para Almeida (2020), essas estruturas sexistas e racistas transformam o espaço intelectual em um ambiente de constante disputa, mas também de resistência.

É nesse cenário que se destaca a obra de Conceição Evaristo. Sua produção literária representa uma ruptura com os discursos tradicionais ao propor a escrevivência, conceito que compreende a escrita como experiência vivida e compartilhada. Mais do que narrar histórias individuais, a escrevivência transforma a memória das mulheres negras em instrumento de elaboração estética, afirmação identitária e denúncia das violências históricas produzidas pelo racismo e pelo patriarcado.

Segundo Evaristo (2007), a escrevivência nasce das experiências cotidianas da população negra, especialmente das mulheres, e assume a função de romper o silêncio historicamente imposto às suas vozes. Assim, escrever torna-se um ato político que preserva memórias, reafirma identidades e questiona as narrativas oficiais que invisibilizam a população negra.

Essa perspectiva manifesta-se de maneira expressiva em *Ponciá Vicêncio*, obra que constitui o objeto desta pesquisa. No romance, Evaristo articula a trajetória individual da protagonista às experiências coletivas da população negra brasileira, revelando como memória, ancestralidade, deslocamento e racismo atravessam sua constituição subjetiva. O percurso de Ponciá evidencia que sua história ultrapassa a esfera individual e representa a continuidade das experiências históricas vividas por sucessivas gerações de mulheres negras.

Como afirmam Silva e Cardoso (2019, p. 89): “O percurso trilhado por Ponciá, quer no imaginário, quer no plano físico da ficção, delineia e denuncia eventos históricos vividos pelos afrodescendentes em uma condição particular e coletiva [...], ratificando o não lugar do negro na sociedade brasileira”.

Nesse sentido, Conceição Evaristo utiliza a trajetória da protagonista para evidenciar a permanência das desigualdades raciais mesmo após a abolição da escravidão. A experiência de Ponciá revela os impactos do racismo estrutural, da exclusão social e da fragmentação identitária, ao mesmo tempo em que reafirma a memória ancestral como elemento de resistência. O corpo da personagem torna-se, assim, um espaço onde se inscrevem experiências individuais e coletivas, preservando marcas históricas que a escrevivência transforma em narrativa.

Para Evaristo (2011), a escrita constitui um instrumento de luta por meio do qual é possível reivindicar a existência, afirmar identidades e transformar vivências historicamente silenciadas em memória coletiva. Nessa perspectiva, a literatura de autoria negra rompe com os discursos hegemônicos e reivindica novos lugares de representação.

Esse movimento dialoga com as reflexões de Spivak (2010), ao compreender a escrita como uma possibilidade de ruptura da condição subalterna. Ao escrever, mulheres negras deixam de ocupar apenas o lugar de objeto da narrativa para assumirem a posição de sujeitos que produzem conhecimento e reinterpretam a própria história.

A potência dessa literatura também pode ser observada na produção de autoras como Carolina Maria de Jesus, cuja obra *Quarto de Despejo* trouxe para o centro do debate literário a experiência da pobreza e da exclusão; Maria Firmina dos Reis, pioneira da literatura abolicionista brasileira com *Úrsula* (1859); e Ana Maria Gonçalves, autora de *Um Defeito de Cor* (2006), romance que reconstrói a diáspora africana a partir da perspectiva feminina. Soma-se a essas escritoras a produção

intelectual de Djamila Ribeiro, cujas reflexões sobre racismo estrutural e lugar de fala ampliam o debate contemporâneo acerca da produção de conhecimento pelas mulheres negras.

Portanto, a escrita de mulheres negras configura-se como um projeto estético, político e epistemológico de resistência. Desde a atuação do Quilombhoje até a consolidação da escrevivência, essa produção literária rompe o silêncio imposto pelo racismo, preserva memórias historicamente invisibilizadas e reafirma o corpo da mulher negra como um arquivo de experiências, ancestralidade e resistência. Desse modo, a literatura afro-brasileira contemporânea consolida-se como um espaço de reescrita da história nacional e de afirmação das vozes negras nos campos literário, acadêmico e social.

O corpo de Ponciá Vicêncio como arquivo da memória negra e feminina

A trajetória de Ponciá Vicêncio permite compreender como Conceição Evaristo transforma a experiência individual da protagonista em um espaço de elaboração da memória coletiva da população negra brasileira. Por meio da escrevivência, a autora constrói uma narrativa em que o corpo da personagem deixa de ser apenas um elemento biológico para tornar-se um arquivo vivo das marcas da ancestralidade, da exclusão social, da migração e da resistência. Assim, as experiências vividas por Ponciá ultrapassam a esfera pessoal e revelam processos históricos que atravessam gerações de mulheres negras, evidenciando a permanência das desigualdades raciais e de gênero na sociedade brasileira.

Nesse sentido, o romance articula diferentes momentos da vida da protagonista para demonstrar que sua identidade é construída a partir da relação entre memória individual e memória coletiva. A infância, os vínculos familiares, a migração para a cidade, a maternidade, o afastamento das origens e o reencontro com sua ancestralidade compõem um percurso em que o corpo registra experiências que a escrevivência converte em narrativa. Dessa forma, Conceição Evaristo faz da memória um instrumento de preservação da história negra e de denúncia das violências produzidas pelo racismo estrutural.

A infância de Ponciá representa o primeiro espaço de constituição dessa memória. Antes que a protagonista fosse atravessada pelas experiências de exclusão e deslocamento, sua relação com a natureza estabelecia um sentimento de pertencimento e de liberdade que marcaria profundamente sua trajetória. O corpo

infantil encontra no ambiente rural um espaço de descoberta e imaginação, onde a experiência cotidiana ainda preserva vínculos afetivos com a terra e com a ancestralidade.

> Gostava da roça, do rio que corria entre pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-de-catarro, das canas do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. Elas eram altas e, quando dava o vento, dançavam. Ponciá corria e brincava entre elas. O tempo corria também. Ela nem via. O vento soprava no milharal, as bonecas dobravam até o chão. Ponciá Vicêncio ria. Tudo era tão bom (Evaristo, 2017, p. 9-10).

Essa passagem evidencia um momento em que a protagonista experimenta uma relação harmoniosa com o mundo. O milharal constitui um espaço simbólico de liberdade, imaginação e pertencimento, onde a criança constrói sua percepção de si e do ambiente que a cerca. A natureza deixa de ser apenas cenário para participar da formação subjetiva de Ponciá, revelando a estreita relação entre memória, território e identidade.

À medida que a protagonista cresce, essa experiência inicial é interrompida pelo contato com uma realidade marcada por perdas e limitações. A infância, antes associada à liberdade e ao encantamento, passa gradativamente a ser atravessada pelo medo, pelo silêncio e pelo isolamento. Esse processo evidencia a transformação da identidade da personagem, cuja subjetividade passa a incorporar as marcas da exclusão e das condições históricas que atravessam sua existência.

No artigo *Pelos fios da memória: infância e ancestralidade em Ponciá Vicêncio*, Elisângela da Silva Santos (2019) observa que a solidão experimentada pela protagonista durante a infância não representa apenas ausência de companhia, mas também um espaço de elaboração imaginativa e de fortalecimento dos vínculos com sua ancestralidade. O milharal torna-se um território simbólico onde a criança constrói formas próprias de pertencimento, transformando as espigas em companheiras de brincadeira e atribuindo vida à natureza ao seu redor.

Entretanto, a destruição do milharal representa um dos momentos mais significativos da narrativa por marcar a ruptura entre a infância e a realidade imposta pelas relações sociais. A eliminação desse espaço simbólico interrompe a experiência de liberdade da protagonista e inaugura um processo de fragmentação de sua identidade, que acompanhará toda a sua trajetória.

A confidência de Ponciá acerca da mulher alta e transparente desperta a preocupação dos adultos, que interpretam sua imaginação como algo que precisa ser eliminado. Como consequência, o milharal é destruído:

> E quando Ponciá Vicêncio acordou no outro dia, o milharal estava derrubado. As bonecas mortas pelo chão. Ela ainda olhou para os lados com esperança de ver a mulher alta e transparente. Não viu. Tudo era um só vazio. Ponciá chorou. Nunca mais ela viu a mulher alta, transparente e vazia, que um dia sorria para ela entre as espigas de milho. (Evaristo, 2017, p. 14).

Mais do que a destruição de um espaço físico, esse episódio simboliza o rompimento de um universo afetivo que sustentava a constituição da subjetividade da protagonista. O desaparecimento das bonecas de milho e da figura feminina que a acompanhava representa o enfraquecimento de um espaço de imaginação e pertencimento que fazia parte da construção de sua identidade. O vazio descrito pela narrativa antecipa o sentimento de desenraizamento que acompanhará Ponciá ao longo de sua vida.

Esse episódio também evidencia como a memória ocupa um papel central na construção da personagem. Embora o milharal desapareça, a lembrança desse espaço permanece inscrita na trajetória de Ponciá, tornando-se uma referência constante para a compreensão de sua identidade. A escrevivência transforma essa experiência em narrativa, mostrando que as memórias da infância não desaparecem, mas permanecem vivas no corpo e na subjetividade da protagonista, acompanhando-a mesmo diante das sucessivas experiências de exclusão e deslocamento.

Se a infância representa o primeiro espaço de constituição da memória da protagonista, sua história familiar revela que essa memória ultrapassa a experiência individual. Em *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo evidencia que a identidade da personagem é atravessada por um passado coletivo, marcado pela escravidão, pela exclusão e pela permanência das desigualdades raciais. A escrevivência permite, assim, que a trajetória de uma única personagem represente as experiências compartilhadas por sucessivas gerações da população negra brasileira.

Nesse contexto, o sobrenome "Vicêncio" adquire um significado que ultrapassa sua função de identificação familiar. Herdado dos antigos senhores de escravizados, ele representa a permanência simbólica das relações de dominação construídas durante a escravidão. A personagem reconhece que seu nome carrega

uma história que não escolheu, mas da qual não pode se desvincular, tornando-se uma marca da continuidade histórica da opressão racial.

O sobrenome, portanto, constitui uma memória inscrita na própria existência da protagonista. Ele recorda constantemente a origem escravizada de sua família e evidencia que, mesmo após a abolição, permanecem estruturas sociais que reproduzem desigualdades e limitam as possibilidades de vida da população negra. Dessa maneira, o corpo de Ponciá torna-se um arquivo da memória coletiva, preservando marcas históricas que ultrapassam sua experiência pessoal.

Essa condição acompanha toda a trajetória da personagem e explica, em grande medida, o sentimento constante de deslocamento que a caracteriza. Desde cedo, Ponciá percebe que sua vida parece determinada por circunstâncias que antecedem seu nascimento. Sua história é construída sobre experiências herdadas de seus antepassados, fazendo com que passado e presente permaneçam continuamente articulados.

Entre essas memórias familiares destaca-se a figura de Vô Vicêncio, cuja trajetória simboliza os impactos da escravidão sobre diferentes gerações. As lembranças do avô aparecem repetidamente ao longo da narrativa, demonstrando que a ancestralidade não constitui apenas uma referência ao passado, mas uma presença constante na formação da identidade da protagonista. As histórias familiares preservam experiências que permanecem vivas na memória coletiva, reafirmando os vínculos entre passado e presente.

Entretanto, Ponciá não permanece passivamente vinculada a essa herança histórica. A decisão de migrar para a cidade representa uma tentativa de construir novos caminhos e romper com o ciclo de pobreza e exclusão vivido por sua família. Como muitos personagens da literatura afro-brasileira, ela acredita que o deslocamento geográfico poderá proporcionar melhores condições de vida e novas possibilidades de existência.

Todavia, a chegada ao espaço urbano revela que o racismo não está restrito ao ambiente rural. A cidade, imaginada como espaço de transformação, reproduz diferentes formas de exclusão social e racial, frustrando as expectativas da protagonista. O deslocamento físico não elimina as estruturas históricas que condicionam sua existência.

Conceição Evaristo descreve esse momento da seguinte forma:

> Quando o trem foi diminuindo a marcha e parou na plataforma, Ponciá Vicêncio apertou contra o peito a pequena trouxa que carregava no colo durante a viagem inteira. Levantou-se aflita e olhou desesperada lá fora à procura de alguém. Não divisou um rosto conhecido, experimentou um profundo pesar, embora soubesse de antemão que não havia ninguém esperando por ela. Não conhecia ninguém, nunca viera até a cidade e todos os seus parentes haviam ficado para trás. Nenhum deles havia ousado tamanha aventura. Estava escurecendo, Ponciá não sabia bem o que fazer. Caminhou rápido e alcançou o lado de fora da estação. Quis olhar para trás, mas temeu o desejo de recuo. Olhou em frente, uma imponente catedral, com suas luzes acesas, esperava pelos crentes, no final da avenida. O relógio da matriz era enorme, de longe conseguiu ler as horas. Eram seis. Ponciá tinha dezenove anos, sendo capaz ainda de inventar sentimentos de segurança. Caminhou firme, sempre em frente, e só parou quando chegou à escadaria do templo. (Evaristo, 2003, p. 31).

A chegada à cidade sintetiza o processo de desenraizamento vivido pela protagonista. Longe da família e das referências construídas durante a infância, Ponciá experimenta a solidão e a incerteza diante de um espaço que lhe é completamente estranho. Embora caminhe em direção ao futuro, sua trajetória permanece atravessada pelas memórias do lugar de origem, revelando que o deslocamento territorial não rompe os vínculos com sua ancestralidade.

Essa leitura aproxima-se das reflexões de Lélia Gonzalez (2020), para quem o racismo brasileiro opera de forma velada por meio do mito da democracia racial. Sob essa lógica, a exclusão da população negra é frequentemente naturalizada, dificultando o reconhecimento das desigualdades estruturais que persistem na sociedade. A experiência urbana de Ponciá evidencia justamente essa permanência: ainda que busque novas oportunidades, continua submetida às mesmas relações de subalternização que marcaram a história de seus antepassados.

Nesse sentido, a escrevivência de Conceição Evaristo transforma a migração em uma experiência que vai além do deslocamento físico. A cidade torna-se um espaço onde a protagonista confronta os limites impostos pelo racismo estrutural, ao mesmo tempo em que preserva, em seu corpo e em sua memória, os vínculos com sua história familiar. A narrativa demonstra que a identidade da personagem não é construída apenas pelas experiências do presente, mas também pelas lembranças, pelos afetos e pelas heranças históricas que continuam a acompanhá-la.

A análise de Angélica Maria Santana Batista (2021) reforça essa compreensão ao afirmar que os constantes deslocamentos de Ponciá representam tentativas de construir novos significados para sua existência. Entretanto, esses

movimentos revelam igualmente que a protagonista não consegue romper completamente com as estruturas sociais que condicionam sua vida. Ao retornar simbolicamente às suas memórias e à sua ancestralidade, ela compreende que sua identidade está profundamente ligada à história coletiva da população negra.

Assim, a migração deixa de representar apenas uma mudança de espaço para tornar-se um percurso de reconstrução identitária. O corpo de Ponciá conserva as experiências vividas em diferentes lugares e tempos, funcionando como um arquivo no qual permanecem inscritas as marcas da escravidão, da diáspora, da exclusão e da resistência. É por meio da escrevivência que Conceição Evaristo transforma essas experiências em narrativa, reafirmando a memória como elemento fundamental para a compreensão da identidade negra feminina.

À medida que a narrativa avança, a experiência da maternidade amplia o processo de construção da identidade de Ponciá. As perdas sucessivas vividas pela personagem não podem ser compreendidas apenas como acontecimentos individuais, mas como expressões das condições históricas que atravessam a existência da mulher negra. A maternidade, nesse contexto, revela-se profundamente marcada pelas desigualdades sociais, pelo racismo estrutural e pela permanência de um ciclo histórico de exclusão.

A experiência dos sete abortos representa um dos momentos mais significativos do romance. Inicialmente, Ponciá sofre intensamente a perda de seus filhos. Entretanto, com o passar do tempo, a repetição dessas experiências modifica sua percepção sobre a maternidade, levando-a a questionar a possibilidade de oferecer uma vida diferente daquela que ela própria conheceu.

> Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos (...) Bom mesmo que os filhos tivessem nascidos mortos, pois, assim, se livraram de viver uma mesma vida (...) A vida escrava continua até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (Evaristo, 2018, p. 70-72).

Esse fragmento evidencia que a maternidade é atravessada pelas condições materiais de existência da protagonista. O desejo de interromper a continuidade desse ciclo não decorre da rejeição aos filhos, mas da consciência de que a estrutura social permanece reproduzindo desigualdades que limitam as possibilidades de vida da população negra. A escrevivência transforma essa experiência em denúncia das permanências históricas do racismo, mostrando que a liberdade formal conquistada após a escravidão não significou igualdade de oportunidades.

Nesse sentido, o corpo de Ponciá conserva experiências que ultrapassam sua dimensão biológica. As perdas vividas pela personagem tornam-se parte de uma memória coletiva construída ao longo de gerações de mulheres negras que tiveram seus projetos de vida condicionados pelas desigualdades sociais e raciais. A narrativa evidencia que o corpo registra essas experiências e as transforma em testemunho histórico, articulando memória, identidade e resistência.

Ao refletir sobre o corpo, Vigarello (2000) afirma que ele constitui um objeto múltiplo, capaz de reunir diferentes dimensões da experiência humana. O corpo preserva hábitos, lembranças, conhecimentos e marcas históricas, funcionando como um arquivo em permanente construção. Essa perspectiva contribui para compreender a personagem de Conceição Evaristo, cuja trajetória demonstra que as experiências vividas permanecem inscritas no corpo e participam continuamente da constituição da identidade.

Da mesma forma, Avtar Brah (2011) observa que os processos de racialização operam por meio dos corpos, atribuindo-lhes significados sociais e políticos. O corpo negro deixa de ser apenas uma realidade biológica para tornar-se um espaço onde se inscrevem relações de poder, mecanismos de exclusão e formas de resistência. Em *Ponciá Vicêncio*, essa compreensão manifesta-se na maneira como a protagonista experimenta as consequências do racismo ao longo de sua trajetória.

Essa reflexão aproxima-se das considerações de Nilma Lino Gomes (2003), para quem o corpo negro ocupa um lugar central na construção da identidade étnico-racial. Mais do que suporte físico, ele constitui um território simbólico onde se articulam pertencimento, memória e resistência. As experiências vividas pela protagonista revelam que sua identidade é continuamente construída a partir das relações estabelecidas entre corpo, história e ancestralidade.

A leitura proposta por Angélica Maria Santana Batista (2021) reforça essa perspectiva ao destacar que os sucessivos deslocamentos de Ponciá representam tentativas de reconstrução de sua existência. Segundo a autora:

> Os constantes deslocamentos de Ponciá demonstram uma tentativa, mesmo que frustrada, de procurar novos começos, construir novos significados. Ao trilhar os caminhos na linha do trem, ela encontra um mundo fragmentado que a exclui, o que a obriga a ressignificar o seu lugar em sua terra natal. (Batista, 2021, p. 193).

Essa busca por novos significados conduz a protagonista ao retorno às suas origens. Depois de percorrer diferentes espaços e experimentar inúmeras perdas, Ponciá compreende que sua reconstrução identitária depende do reencontro com sua história familiar e com sua ancestralidade. O retorno não representa um simples movimento geográfico, mas um processo de reconciliação com a memória coletiva que sempre permaneceu presente em sua trajetória.

Nesse momento da narrativa, Conceição Evaristo evidencia que a ancestralidade constitui um elemento fundamental para a recomposição da identidade da protagonista. O reencontro com Maria Vicêncio simboliza a recuperação de vínculos interrompidos pelo deslocamento e pela exclusão social, reafirmando que a memória familiar permanece como fundamento da existência da personagem.

> A menina continuava bela; no rosto sofredor, feições de mulher. Por alguns momentos, em outras faces, não só a de Vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. A mãe reconheceu todas, mesmo aquelas que chegavam de um outro tempo-espaço. Lá estava a sua menina única e múltipla. Maria Vicêncio se alegrou, o tempo de reconduzir a filha à casa, à beira do rio estava acontecendo. Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a sustância, o húmus para o seu viver. (Evaristo, 2003, p. 125).

A imagem das "outras faces" presentes no rosto de Ponciá sintetiza um dos principais aspectos da escrevivência: a articulação entre memória individual e memória coletiva. A protagonista deixa de representar apenas a si mesma para tornar-se expressão de uma ancestralidade compartilhada, evidenciando que sua história reúne experiências vividas por diferentes gerações da população negra.

O retorno às margens do rio adquire, portanto, um profundo significado simbólico. O mesmo espaço que marcou sua infância volta a representar pertencimento, continuidade e reconstrução. As águas, constantemente presentes na

obra de Conceição Evaristo, simbolizam movimento, memória e renovação, reafirmando a permanência dos vínculos entre passado e presente.

Assim, o percurso de Ponciá não conduz ao esquecimento das experiências vividas, mas à sua ressignificação. Ao reencontrar sua família e sua ancestralidade, a protagonista compreende que sua identidade é construída pela articulação entre memória, história e resistência. A escrevivência transforma essa trajetória em um gesto político de preservação da memória negra, fazendo do corpo da personagem um arquivo vivo das experiências históricas, culturais e afetivas que constituem a identidade da mulher negra brasileira.

Considerações finais

A narrativa de Conceição Evaristo, inserida no paradigma da escrevivência, transcende a mera ficção para constituir-se como um ato de preservação da memória e de valorização das experiências da população negra, especialmente das mulheres. A autora assume uma postura ativa de escrita, ficcionalização, recordação, testemunho e recriação, utilizando as vivências individuais e coletivas como fundamento para a construção de uma narrativa que articula memória, identidade e resistência.

Em sua poética, memória, ficção e realidade entrelaçam-se, produzindo uma dimensão estética e política singular. A escrevivência evidencia o compromisso de reconhecer o passado e de aproximar memória individual e memória coletiva, reescrevendo histórias que foram historicamente marginalizadas e silenciadas. Desse modo, a literatura transforma-se em um arquivo vivo de experiências e em um importante instrumento de denúncia das desigualdades sociais e raciais.

A análise do romance *Ponciá Vicêncio*, sob a perspectiva da escrevivência, permitiu compreender como Conceição Evaristo constrói uma narrativa em que o corpo da protagonista se configura como um arquivo da memória negra e feminina. A trajetória de Ponciá ultrapassa a experiência de uma personagem individual para representar as vivências históricas da população negra brasileira, evidenciando as marcas deixadas pela escravidão, pelo racismo, pela exclusão social e pelos deslocamentos que atravessam diferentes gerações.

Ao longo da narrativa, observa-se que a identidade da protagonista é construída pela relação constante entre ancestralidade, memória e experiência. A infância, a migração, a maternidade, os vínculos familiares e o retorno às origens

revelam que o corpo de Ponciá preserva experiências que extrapolam sua história pessoal e dialogam com a memória coletiva das mulheres negras. A escrevivência converte essas experiências em narrativa, reafirmando a literatura como espaço de preservação da memória e de afirmação da identidade.

A experiência da maternidade, marcada pelas sucessivas perdas, evidencia os impactos das desigualdades estruturais sobre a vida da mulher negra. Mais do que acontecimentos individuais, essas experiências revelam a permanência de condições históricas que restringem possibilidades de existência e reafirmam a necessidade de compreender o corpo como um espaço onde se inscrevem as memórias da exclusão, mas também da resistência. Nesse sentido, Conceição Evaristo demonstra que a memória preservada pela escrevivência não se limita ao sofrimento, mas também evidencia a capacidade de reconstrução e permanência da população negra diante das adversidades.

O reencontro de Ponciá com sua mãe, seu irmão e sua terra natal simboliza um processo de reconstrução identitária mediado pela ancestralidade. Ao retornar ao "lugar das águas", a protagonista reconecta-se às suas origens e às memórias que constituem sua existência, compreendendo que sua identidade é resultado da articulação entre passado e presente. A ancestralidade, nesse contexto, apresenta-se como fundamento da continuidade da vida e da preservação da memória coletiva.

Em um contexto contemporâneo marcado pela ampliação dos debates sobre racismo estrutural, memória e lugar de fala, a obra de Conceição Evaristo reafirma a importância da literatura afro-brasileira como espaço de produção de conhecimento e resistência. Por meio da escrevivência, a autora rompe o silêncio historicamente imposto às mulheres negras e transforma suas experiências em narrativa literária, contribuindo para a reescrita da história brasileira a partir das vozes que durante séculos permaneceram à margem.

Assim, *Ponciá Vicêncio* demonstra que a escrevivência ultrapassa o campo da criação literária para constituir-se como uma prática estética, política e memorialística. Ao transformar o corpo da protagonista em um arquivo da memória negra e feminina, Conceição Evaristo reafirma a literatura como um espaço de preservação da ancestralidade, de fortalecimento da identidade e de resistência às estruturas históricas de exclusão, consolidando sua obra como uma das mais importantes expressões da literatura afro-brasileira contemporânea.

Referências

ALMEIDA, Marisangela Lins de. **Em legítima defesa:** a escrita feminina negra como enfrentamento e transgressão. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 62, Seção Temática Raça e Cultura, jul./set. 2020.

BATISTA, Angélica Maria Santana. **Memórias esgarçadas, espaços vazios, sujeitos diaspóricos:** reflexões sobre *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. *Caderno Seminal Digital*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 39, 2021.

BRAH, A. **Cartografías de la diáspora:** identidades en cuestión. Madrid: Traficantes de Sueños, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Intersecionalidade na Discriminação de Raça e Gênero.** Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades.** Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

GOMES, N. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003. DOI: 10.1590/S1517-97022003000100012.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano:** *Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 375 p.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-473, jan. 1995.

SANTOS, Elisângela da Silva. Pelos fios da memória: infância e ancestralidade em 'Ponciá Vicêncio'. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 24, n. 2, 2019.

SILVA, Ellen Karla Sousa da; CARDOSO, Sebastião Marques. Conceição Evaristo: da mulher negra à escritora. *Afro-Ásia*, Salvador, v. 59, p. 77-101, 2019. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/770/77066579003/html/. Acesso em: 28 out. 2025.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?.** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIGARELLO, Georges. O corpo inscrito na história: imagens de um "arquivo vivo". Entrevista concedida a Denise Bernuzzi Sant'Anna. *Projeto História*, São Paulo, n. 21, p. 225-236, nov. 2000. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10769/8001. Acesso em: 28 out. 2025.